

A complexidade do jornalismo midiaticado nas interpenetrações entre Vaza Jato e Lava Jato¹

Bianca ROSA²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

O presente trabalho pretende demonstrar algumas inquietações surgidas durante a realização do texto de dissertação em processualidade, que discorre sobre a relação entre a Vaza Jato e os acontecimentos que o antecedem, trazendo uma preocupação em investigar um pouco mais sobre a complexificação do jornalismo em um mundo midiaticado. Para tanto, recorreremos a um debate sobre as marcas do jornalismo midiaticado produzidas pelo The Intercept Brasil, trazendo uma problematização sobre a dinâmica de interpenetração entre sistemas, provocados pela circulação de sentidos nas interações entre acontecimentos da Lava Jato e da Vaza Jato, o que já se permite constatar como um resultado da circulação entre sentidos diversos.

PALAVRAS-CHAVE: crítica jornalística; vaza jato; interpenetrações; midiaticação; comunicação.

Introdução

Apresentamos neste texto alguns aspectos passíveis de reflexão frente à realização de um trabalho de dissertação que até o momento se denomina “Transformações do Acontecimento Jornalístico na Sociedade Midiaticada”, a ser defendido por esta mestranda, pela Unisinos. A partir do debate que se estabeleceu durante o exame de qualificação, algumas questões se tornaram mais propensas à reflexão. Desta forma, oferecemos, a partir deste texto, alguns questionamentos e debates acerca dos resultados preliminares apresentados. Também abordamos, de uma forma mais situada, alguns aspectos sobre o caso e suas particularidades.

A Vaza Jato se coloca como um dos níveis de acontecimento, que se interpenetra com outros dois níveis de acontecimento, que são a própria Operação Lava Jato, e dentro desse acontecimento maior, a divulgação do vazamento da conversa telefônica entre a então

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Ciências da Comunicação da Unisinos, e-mail: bianca0rosa@gmail.com.

presidenta Dilma Rousseff e o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Sendo assim, uma das análises que norteiam a pesquisa é investigar sobre os critérios jornalísticos que foram empregados durante a cobertura da Operação Lava Jato, contrapondo essa visão com a cobertura realizada pela Vaza Jato, levando em conta de que nos dois níveis de acontecimento ocorreram processualidades que envolvem lógicas próprias de mediação, o que em si já confere a esse processo interacional uma transformação em sua ambiência e processos. Partimos da proposição de Eliséo Verón (2014), que identificou uma dinâmica comunicacional própria da mediação, tendo como característica central a não-linearidade de causa e efeito em seus processos, assim, destacando-se circuitos de feedbacks não-lineares, que se contatam através da circulação. Dentro da ambiência da mediação, a circulação realmente é um dos conceitos que tentam compreender as novas dinâmicas comunicacionais, que se estabelecem nesses atravessamentos. Dessa forma se torna interessante refletir sobre como essa dinâmica se comporta ao se deparar com o processo jornalístico na sociedade em vias de mediação, assim como de que forma as práticas jornalísticas têm se comportado frente a esse fenômeno. Levando em conta essa reflexão, um dos fenômenos que mais são evidenciados na relação entre os diferentes circuitos que emergem dos acontecimentos jornalísticos recentes, é justamente a circulação.

Circulação e interpenetrações

Dentro da ambiência mediada, a circulação é uma das noções oferecidas para compreendermos as novas dinâmicas comunicacionais através das quais se manifestam atravessamentos e interpenetrações de estratégias narrativas entre diferentes campos, que interagem em diferentes sistemas. Interessa-nos estudar, dentro deste contexto, como as dimensões jornalísticas e jurídicas operam, através de suas lógicas, sobre os acontecimentos que vão se constituindo a partir destas relações. De imediato percebemos, no momento atual, uma nova ambiência comunicacional, na qual as relações entre produção e recepção se tornam cada vez mais complexificadas:

Sofrendo as injunções dos processos de mediação crescente, a circulação complexifica seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. Este fenômeno enseja que novas hipóteses sejam formuladas acerca da existência deste ‘terceiro polo’, no processo comunicacional. A circulação deixa de ser um elemento invisível ou insondável e, graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica,

segundo operações de dispositivos, explicita sua ‘atividade construcionista’, gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento e dos seus efeitos. (FAUSTO NETO, 2010, p.3).

Através da perspectiva que enxerga a circulação como diferença da interpenetração entre diferentes sistemas é que nos detemos em observar a Vaza Jato como acontecimento jornalístico. Contudo, não podemos deixar de fora desta análise uma contextualização sobre a Operação Lava Jato como um acontecimento inicial que dispara a própria processualidade da Vaza Jato. Uma ocorrência deriva da outra, o que gera uma nova dinâmica interacional entre elas. A partir do surgimento da Operação Lava Jato, a Vaza Jato emerge como uma ruptura de sua narrativa, cuja complexidade desencadeia uma série de relações entre circuitos diversos, gerando feedbacks complexos, complexidade permeada pelo fenômeno da circulação. Segundo Fausto Neto (2012, p.298), os “acontecimentos são tecidos hoje no contexto da midiatização no qual as mediações, enquanto práticas sociais, são afetadas por uma nova arquitetura e dinâmica do processo comunicacional.” A partir dessa noção, percebemos então uma própria transformação sobre a noção de acontecimento jornalístico, na medida em que ingressam novos atores, que aderem a novas lógicas.

Partindo da problematização sobre circulação, um dos conceitos que contribuem com a percepção desta dinâmica é o conceito de interpenetração, desenvolvido pelo sociólogo alemão Niklas Luhmann (2016). Advertimos, neste ponto, conforme já alertado durante o exame de qualificação, que compreendemos a necessidade de um maior aprofundamento sobre as teorias de um autor que nos traz tão denso conceito. Contudo, é necessário alertarmos para dois aspectos. O primeiro, é que o elemento central da teoria de Luhmann é exatamente a comunicação, que segundo o autor, possui a função de regular as relações entre sistema e ambiente. Outro fator que é interessante lembrarmos, é que, para a análise da dissertação, a argumentação acerca da teoria de Luhmann irá apenas nos oferecer pistas para observar a dinâmica da circulação entre dois diferentes sistemas. Sendo assim, oferecemos aqui alguns aspectos sobre a teoria luhmanniana, com o cuidado de não trazer um aprofundamento sobre a teoria completa do autor, pois acreditamos que a comunicação, como origem, é uma área de conhecimento multidisciplinar, que dialoga com outros campos de saberes, tais como sociologia, filosofia, antropologia, entre outros. E é exatamente esse diálogo com outros saberes que

pode nos ajudar a compreender melhor o universo comunicacional, o que contempla a análise do caso estudado.

Luhmann (2016) propõe, na Teoria dos Sistemas Autorreferenciais, um tipo de relação que ocorre quando um sistema coloca à disposição a sua própria complexidade para construir um outro sistema, o que pressupõe uma correlação de forças evidentes na relação entre seres humanos e sistemas sociais. Dessa forma, a interpenetração é o conceito para a análise dessa relação, proposta como uma dinâmica que realiza interações entre dois sistemas, sem que estes se modifiquem em suas essências. O que ocorre é uma nova dinâmica, em que outros sentidos são produzidos, por conta da comunicação estabelecida, e essa interação colabora com a criação de novos sistemas, dinâmica explicada através da noção de autopoiese, conceito que define a autoreprodução de uma espécie, e que foi deslocado da biologia para as ciências sociais pelo próprio Luhmann, ao considerar a observação do objeto através da interação entre seus elementos. No caso dessa conceituação, compreendemos a Vaza Jato e a Lava Jato como sistemas que se interpenetram através das relações entre diversos campos (jurídico, jornalístico, midiático, político), gerando, através das interações entre eles, produções de sentidos diversas, que geram outros sistemas.

Percebemos, no entanto, que a circulação de sentidos já se inicia no momento em que o acontecimento é percebido na ambiência jornalística por seus atores individuais, se transformando em intrigas e sendo recriado. E uma vez que é posto em circulação, por meio das interpenetrações, esse acontecimento passa a criar tensões entre sistemas, gerando um novo sentido a cada contato, produzindo novas percepções. Nessas tensões, as alterações não se dão apenas em termos de fluxo de informações, mas interferem na estrutura dos sistemas que se interpenetram, alterando processos e instaurando novas lógicas de funcionamento. A ambiência da midiáticação, que é viabilizada através da internet e das redes, permite, por meio das suas conexões, que o processo de correferencialidade se amplie a todos os dispositivos do sistema, fazendo com que novos acontecimentos sejam provocados através de disputas e/ou negociações, vindas de interpenetrações de sistemas. O acontecimento, dessa forma, retorna midiaticado para a sociedade, porém autorreferenciado. Suas manifestações não são mais centradas nas mídias, mas sofrem a afetação dos processos tentativos dos diferentes sistemas, através de dispositivos diversos, como redes sociais, sites, blogs, e as próprias mídias. Ou seja, quando o acontecimento começa a circular pelo aparato midiático, modificando e sendo

modificado por ele, ele afeta de forma mais perceptível os campos sociais. Então os acontecimentos vão se transformando em sentido, porque a notícia que dispara o processo gera uma série de significações novas. O acontecimento em uma sociedade permeada pelo resultado da diferença entre sistemas, pode vir a ser processos fugazes de significação, que se retroalimenta pela autorreferencialidade, e que se reforça a partir das autopeises, ou seja, só são reproduzidos se os elementos que o compõem forem providos de capacidade de conexão, permitindo o surgimento de novos sentidos e outros novos acontecimentos, os quais derivam dele mesmo.

Estudo de caso midiaticado: uma construção metodológica

Para dar conta desta análise apresentamos aqui uma breve discussão sobre a metodologia que está sendo desenvolvida. Construimos a noção de caso midiaticado, partindo da ideia de estudo de caso clássico, mas realizando essa necessária transição, por compreender que o caso analisado ocorre em uma processualidade não linear e assimétrica, trazendo uma complexidade processual que ainda ocorre no tempo e se retroalimenta através de disputas e negociações, gerando outros sentidos diversos. Para abarcar a análise de um fenômeno tão complexo, que poderia justamente identificar as marcas de midiaticação, assim como as relações de interpenetração que mesclam diferentes campos e dinâmicas, uma das estratégias metodológicas que pareciam mais adequadas era justamente a construção de um caso midiaticado. Essa construção do caso midiaticado se inspira no trabalho desenvolvido pela pesquisadora Aline Weschenfelder (2019), em sua tese de doutorado, e parte da construção da autora para uma elaboração adequada ao caso em análise. Voltando propriamente ao caso, justificamos o uso do caso midiaticado justamente por trazer, na análise empírica, as disputas que se travam entre os dois níveis de acontecimentos, que ao se relacionar, causam na diferença entre essas interações, uma profusão de novos sentidos que surgem mediante o processo de circulação. Com relação à Operação Lava Jato, constatamos que é uma iniciativa que se apoia no midiático como fator fundamental para a publicização das iniciativas do campo jurídico. Dessa maneira, os operadores jurídicos conferem bastante importância à atuação midiática no caso de investigação contra a corrupção, com o objetivo de influenciar a opinião pública favoravelmente às suas mobilizações. A Vaza Jato surge como uma

ruptura desse processo, ao publicar, a partir de junho de 2019, o The Intercept Brasil uma série de reportagens, apuradas a partir de um vazamento anônimo, que denunciavam colaborações do juiz Sergio Moro com a procuradoria da Lava Jato, além de comprovar uma série de irregularidades do processo, desconstruindo algumas iniciativas desta operação jurídica. Sendo assim, não somente a credibilidade da Operação Lava Jato como um todo passa a ser questionada, como surgem, na esfera pública, diversos debates sobre a legalidade de processos jurídicos, como a prisão em segunda instância, quebra de sigilo processual e o uso de delações premiadas.

O jornalismo em uma ambiência midiaticizada

A partir da análise destes dois contextos, refletimos como as agendas jornalísticas se comportam tanto no caso da cobertura da Lava Jato, quanto no caso da Vaza Jato, para compreender até que ponto há convergência de agendas entre os dispositivos jornalísticos. Devemos também levar em consideração que os novos atores jornalísticos atuam sobre outras lógicas. Consideram o tempo de circulação da mensagem e os novos sentidos que se produzem a partir dele. Pensam a comunicação de forma dinamizada, publicada em diferentes plataformas, com conteúdo personalizado em cada um deles. Utilizam seus colaboradores como parte do processo de circulação, dando liberdade para o jornalista falar, em seus espaços digitais, como um interlocutor do próprio dispositivo jornalístico. Isso imprime personalidade para o que está sendo dito, pois há rostos, vozes, opiniões. Também há a preocupação com alguns fundamentos jornalísticos um pouco negligenciados pelo jornalismo tradicional, como a preocupação excessiva com a apuração dos fatos, e a pluralidade de ângulos e opiniões. Além disso, a forma de se comunicar com o público é humanizada, se fala de forma honesta, informal e transparente. Tudo isso cria uma noção de intimidade com o público, mas também permite um outro entendimento sobre a questão da agenda. Podemos inferir que, em um passo adiante da transição entre agendas, percebida no momento de transição entre a era pré-midiaticizada, o que ocorre agora são transições entre agendas de atores midiaticizados, instituições, mídias e sujeitos sociais, que através da circulação agem em constante negociação.

Outra questão acerca do jornalismo que trazemos na pesquisa apresentam algumas marcas do jornalismo midiaticizado realizado pelo The Intercept Brasil. As primeiras

marcas evidenciam uma cobertura sincronizada com as dinâmicas das redes sociais, incluindo convergência de plataformas, *hiperlinkagem* de matérias (inclusive das mídias hegemônicas), e uma atuação autônoma de seus jornalistas nas redes sociais. Outra característica bastante presente no jornalismo do The Intercept Brasil é uma capacidade autoreflexiva nos textos que elaboram críticas jornalísticas, e esclarecem seu leitor sobre sua relevância editorial e sobre seus processos de apuração, com um *timing* discursivo aliado às lógicas das redes, assim como uma estratégia argumentativa que defende um jornalismo ativista e combativo contra os poderosos. Nessa atmosfera de resgate do jornalismo, que se aprofunda em extensas processualidades de apuração, há também o cuidado com a segurança da informação, aspecto que se coloca como fundamental em uma sociedade midiaticizada, e que possui uma relação direta com os casos que o antecedem no jornalismo de dados, como o caso Wikileaks, Snowden e da própria criação do The Intercept.

Portanto, a partir dessa contextualização, podemos observar alguns indícios de transformação do jornalismo brasileiro, a partir do surgimento, por exemplo, da Mídia Ninja³ nas manifestações de 2013. Foi a primeira aparição de visibilidade de um jornalismo independente, que se tornou pauta das grandes mídias e chamou a atenção por um jornalismo combativo, com uma nova proposta editorial e também propondo novas processualidades, como a transmissão ao vivo de acontecimentos de forma quase que etnográfica. Ao se misturar aos manifestantes, cobrindo a manifestação como se fosse um deles, correndo de bombas, realizando entrevistas nesse meio tempo, e relatando todos os acontecimentos que ocorriam naquele episódio, se revelou uma nova forma de comunicar, que oferecia uma experiência. Também o uso das câmeras de celular e o uso das lógicas de midiaticização, como o compartilhamento e o streaming.

O segundo passo na direção de uma tomada de consciência com relação à transformação do jornalismo se deu em uma série de fatos que influenciaram novas formas de relações jornalísticas com suas fontes, com a apuração e com suas próprias práticas. Sendo assim, é importante contextualizarmos o caso da Vaza Jato com outros

³ A Mídia Ninja é uma rede descentralizada de mídia, que atua desde 2011 e teve um papel relevante na cobertura das manifestações de 2013. Embora as transmissões fossem realizadas em streaming, sem qualquer edição, apresentamos aqui um fragmento em vídeo de uma dessas transmissões, em que o jornalista Filipe Peçanha é preso pela Polícia Militar em meio à cobertura da manifestação no Largo do Machado, no Rio de Janeiro, no dia 31 de julho de 2013. Disponível em: < <https://youtu.be/aDO6tr6kgAk> >. Acesso em 11 out 2020.

acontecimentos antecedentes, que são os casos da Wikileaks, de Edward Snowden, e da fundação do The Intercept por Glenn Greenwald, conforme explica Leon Rabelo:

Embora os três casos sejam distintos, separados por um intervalo de alguns poucos anos e tenham protagonistas diferentes, eles podem ser vistos como paralelos quanto aos seus movimentos de inflexão. Eles parecem indicar como grupos ou indivíduos estão encenando movimentos *tentativos* (Braga, 2010c) para alterar os rumos do acesso social à informação publicamente relevante, especialmente sobre problemas e abusos das instituições de poder sobre os direitos individuais e as regras democráticas (...) Em termos práticos, os três casos se fundam na ação de *vazamento* de informações sensíveis e sigilosas, oriundas de diferentes instituições de poder. (RABELO, 2017, p.88-89).

O primeiro caso de grande visibilidade nesse sentido, em um mundo já midiático, é o da Wikileaks. Os vazamentos propostos por Julian Assange trouxeram uma discussão sobre o uso de dados vazados e a forma como o público reage a esses dados. Esse caso, embora tenha frustrado quem defendia que a divulgação de dados de instituições era uma estratégia de moralização das instituições, porque a população não se mobilizou para disseminar o conteúdo vazado, conforme a equipe do Wikileaks previa, esse acontecimento apontou para o quanto o trabalho jornalístico é importante e necessário

Os resultados práticos da colaboração entre o Wikileaks e importantes publicações de notícias foram consideráveis. No caso dos telegramas diplomáticos, por nove dias consecutivos, as histórias extraídas dos documentos publicados pelo Wikileaks foram matéria de capa do jornal *The New York Times*, causando considerável repercussão midiática e institucional, além de ocupar, nas semanas e meses seguintes, importante lugar no agendamento noticioso internacional. (RABELO, 2017, p.91).

O caso Wikileaks acabou influenciando diretamente o caso Snowden, pois a grande frustração em torno da pouca divulgação das denúncias depositadas no repositório, foi o fato de não haver uma curadoria do que poderia ser considerado importante ou grave, trabalho que foi posteriormente realizado pela imprensa. Em 2014, Edward Snowden⁴, vazou informações sigilosas da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos (NSA), revelando em detalhes alguns dos programas de vigilância que o país usa para

⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/entenda-o-caso-de-edward-snowden-que-revelou-espionagem-dos-eua.html>>. Acesso em: 07. jun. 2020.

espionar a população local, além de vários países da Europa e da América Latina, entre eles o Brasil. Neste acontecimento, Snowden teve o cuidado de organizar muito bem as informações dos vazamentos, catalogando-as, assim como também teve a precaução de procurar um jornalista que já tinha experiência com jornalismo investigativo e que saberia cuidar muito bem do material. Porém, a própria atuação do jornalista que recebeu os vazamentos se tornou um acontecimento.

Foi a partir da atuação de Glenn Greenwald que o caso Snowden se tornou ainda mais singular, pois desde o período em que o jornalista encontrou Snowden, e mesmo depois da publicação das matérias, houve um processo conturbado, em que o jornalista entrou em embate direto com a empresa jornalística que fazia parte, o The Guardian, os questionando sobre sua postura ética, cobrando independência e autonomia de agir, e inclusive rompendo com o jornal, quando percebeu que não teria condições de divulgar toda a história. Embora os vazamentos tenham dado origem a uma série de reportagens publicadas pelo jornal britânico The Guardian⁵, escritas em 2013, por Greenwald, foi quando ele se desligou do The Guardian, lançando um livro em que contou toda a história de Edward Snowden e as denúncias contra a National Security Agency (NSA), intitulado “Sem lugar para se esconder: Edward Snowden, a NSA e a espionagem do Governo Americano”, que surgiu um novo projeto de comunicação: The Intercept.

A partir da criação desse novo canal de comunicação, uma nova forma de se fazer jornalismo se revelou: especializada em denúncias, que utiliza o jornalismo de dados e o manejo de plataformas digitais como estratégia, tanto de segurança como de ferramenta de apuração, em grande parte apoiada na visão estratégica do editor-chefe Leandro Demori, que é especialista em segurança digital. Se colocando como um veículo mais comprometido com um jornalismo investigativo contra figuras de poder; que traz como proposta editorial não abordar as mesmas pautas destacadas pelas *hard news* das mídias hegemônicas, revelando, de certa forma, as notícias que esse outro jornalismo rejeita, o The Intercept tem como característica principal a adesão de uma capacidade autorreflexiva ao jornalismo, característica muito presente na atuação dos novos atores jornalísticos, que conversam bastante com seu público, que aceitam as críticas e refletem sobre elas, mudando práticas e explicando seus processos.

⁵ Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/video/2013/jul/08/edward-snowden-video-interview>>. Acesso em: 07. jun. 2020.

Outro aspecto bastante singular da Vaza Jato foi a execução de uma frente ampla de jornalistas de várias amplitudes e gêneros jornalísticos, que se uniram ao The Intercept Brasil em uma grande equipe que colaborou na apuração do material vazado e em sua posterior divulgação conjunta. Esse modelo de parceria entre empresas jornalísticas, mesmo que já praticado em momentos isolados, abriu um precedente inusitado de coalizão de forças jornalísticas, o que demonstrou uma união inédita do jornalismo independente com o jornalismo hegemônico, iniciativa que incentivou de alguma forma o consórcio da imprensa⁶ montado por diversas empresas jornalísticas para divulgar os números da Covid-19.

Análise empírica: disputas e conflitos

Ao apresentarmos neste texto uma noção sobre a fundamentação teórica que oferecemos para embasar a construção metodológica que contempla essa elaboração de um estudo de caso midiático, partimos para a análise propriamente empírica, na qual buscamos investigar as disputas, conflitos e negociações entre as duas estratégias argumentativas. Constatamos, através da observação dos materiais, que é através dessas interações que a circulação opera ao produzir sentidos diversos que são resultados das diferenças entre os sentidos produzidos pelos atravessamentos entre campos e a interpenetração entre sistemas que provocam as coberturas jornalísticas produzidas pela mídia hegemônica quanto à Operação Lava Jato em contraponto com a série de reportagens da Vaza Jato.

Trazemos como exemplificação de um dos casos analisados na pesquisa, que se refere às parcerias estabelecidas com o The Intercept Brasil na Vaza Jato, a adesão da Revista Veja, fato que já se coloca como singular, pois foi exatamente esta publicação que mais celebrou os feitos de Sergio Moro no comando da Operação Lava Jato, segundo a própria revista, tratando o juiz como um herói. A revista não somente divulgou seu ingresso na Vaza Jato, como afirmou a veracidade do conteúdo vazado que dá origem às matérias e destacou em uma edição de capa as constatações das irregularidades cometidas pelo juiz Sergio Moro, conforme mostra a Figura 1.

⁶ Disponível em: < <https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/veiculos-de-comunicacao-se-unem-para-divulgar-dados-reais-da-covid-19/> >. Acesso em 11 out 2020.

Figura 1: Capa da Veja em parceria com Vaza Jato



Fonte: The Intercept Brasil, 2019

A revista também publicou na sessão “Carta ao Leitor” (Figura 2) um texto⁷ em que realiza uma autocrítica um pouco confusa, que embora admita ter colaborado em suas matérias para a construção de uma imagem heroica do juiz Sergio Moro, também afirma que fez isso por acreditar na Operação Lava Jato, e como isso, se desvencilhando de qualquer responsabilidade pela narrativa que havia fomentado. Outro argumento usado como justificativa pelos jornalistas da Revista Veja para embasar sua atuação fervorosa na defesa dos operadores jurídicos da Lava Jato e posteriormente denunciar essas mesmas pessoas, foi o uso da neutralidade jornalística, da busca pelo “equilíbrio”. Porém, no mesmo texto, os editores se contradizem ao afirmar que não possuem bandeiras políticas, e que não fazem parte da polarização política que, segundo os jornalistas, “tomou conta do país”, mas frisam que ainda se colocam como favoráveis ao juiz Sergio Moro e à Lava Jato e ainda destacam que a publicação em conjunto com a Vaza Jato “não tem nada a ver com Lula Livre”. No texto, os editores também assumem a parceria com o Intercept, afirmando que, diante da comprovação das denúncias apuradas, estava dando o seu aval quanto à veracidade das denúncias apresentadas pela Vaza Jato. Esse acontecimento

⁷ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/carta-ao-leitor-sobre-principios-e-valores/>>. Acesso em 11 out 2020.

demonstra o ingresso da Vaza Jato como um fator de ruptura no jornalismo convencional, tanto por aceitar a Vaza Jato como pauta jornalística, como em referendar o jornalismo praticado pelo The Intercept Brasil.

Figura 2: Carta ao Leitor da Veja

Política

Carta ao Leitor: Sobre princípios e valores

Ao contrário daqueles que fomentam o ódio ou se aproveitam dele, os compromissos de VEJA não são com pessoas ou partidos

Por Da Redação - Atualizado em 12 Jul 2019, 16h37 - Publicado em 5 Jul 2019, 06h39



TRATADO COMO HERÓI – O ex-juiz Sergio Moro foi capa de VEJA em diversas oportunidades, a maioria a seu favor: embora ele tenha sido fundamental na luta contra a corrupção, não se pode fechar os olhos ante as irregularidades cometidas VEJA/VEJA

Fonte: Veja Online, 2019

De parte do The Intercept Brasil, houve a publicação dos mesmos dados divulgados pela Revista Veja, mostrando como Sergio Moro colaborava com ações da Polícia Federal e da procuradoria da Operação Lava Jato. Porém, a reportagem do Intercept encadeia uma narrativa sobre a conduta irregular do juiz Sergio Moro, desconstruindo através dos diálogos vazados, ações e declarações dadas por ele na imprensa. O veículo também se autoreferencia bastante, ao trazer a contextualização sobre a importância da Vaza Jato e explicando seu surgimento, inclusive sempre disponibilizando links para as primeiras matérias. A reportagem do Intercept também apresenta vários hiperlinks de outros veículos jornalísticos, inclusive, neste caso, para a matéria da Revista Veja, o que não ocorre reciprocamente. Outro aspecto interessante na diferença entre as matérias da Veja e do Intercept são as estratégias argumentativas.

Enquanto a Revista Veja foca na publicação dos diálogos e relata uma contextualização sobre os acontecimentos envolvidos, a reportagem⁸ do The Intercept Brasil (Figura 3) desenvolve uma construção argumentativa autorreferente, em que tenta demonstrar a importância do jornalismo que está realizando, e sobre a relevância da atuação de um jornalismo combatente, que desmascara figuras de poder. Finalmente, ao se autoperceber como parceiro de uma mídia consolidada pela imprensa hegemônica, o The Intercept Brasil se utiliza do respaldo da matéria publicada pela Revista Veja como um aval de qualidade para o jornalismo que realizam na Vaza Jato.

Figura 3: Parceria The Intercept/Revista Veja



Fonte: The Intercept Brasil, 2019

Na imagem acima, pode-se perceber a capacidade autorreferente argumentativa do The Intercept Brasil e a preocupação em destacar o ineditismo das denúncias apresentadas, assim como o referendo de um grande representante da mídia hegemônica, que é a Revista Veja, na parceria com a Vaza Jato. É interessante observar, na reportagem do The Intercept, que a equipe fala de forma detalhada e transparente sobre todo o processo de publicação, do estabelecimento de parcerias, de como precisava de ajuda com o material apurado. Além de se autoperceber como veículo, também provoca uma metalinguagem jornalística ao comentar os processos de outro veículo jornalístico, com isso evidenciando para o leitor a relevância do que está sendo denunciado.

⁸ Disponível em: < <https://theintercept.com/2019/07/05/veja-conduta-moro-lavajato/> >. Acesso em 11 out 2020.

Considerações finais

Como resultado dessas reflexões, destacamos que é somente através deste debate entre circuitos que surge uma potência de ressignificação em torno das práticas jornalísticas, revelando uma nova forma de acontecimento que permite uma série de transformações na própria sociedade. É a partir das interpenetrações entre os níveis de acontecimentos, e os sistemas gerados por eles, que investigamos as afetações produzidas pelos campos jurídico, jornalístico e político na sociedade, analisando também as diversas produções de sentidos que são estabelecidas através da circulação, do que se coloca como resultado entre essas interpenetrações. A pesquisa em andamento também procura ainda investigar os indícios que apontam a transformação do acontecimento jornalístico mediante a complexidade trazida por uma sociedade em midiatização, e suas ressignificações de sentido, dinamizadas pelo processo de circulação. A Vaza Jato, por ser uma operação comunicacional que se engendra em lógicas de midiatização, só poderia ter surgido neste contexto, uma vez que conta com a atravessamentos entre campos que provocam interposições de circuitos. É essa característica dinamizadora de processos, através de uma temporalidade não linear, o que justamente caracteriza a processualidade da midiatização.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JR, J.; MATTOS, M. A.; JACKS, N. **Mediação & Midiatização**. Salvador: EDUFBA, Brasília, Compós, 2012, p.31-52.

FAUSTO NETO, Antônio. Midiatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo-significante. In: JANOTTI JR, J.; MATTOS, M. A.; JACKS, N. **Mediação & Midiatização**. Salvador: EDUFBA, Brasília, Compós, 2012, p.-52.

_____. A circulação além das bordas In: FAUSTO NETO, Antônio. VALDETTARO, Sandra. (org.). **Mediatización, Sociedad y Sentido: Diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosario, Argentina: Departamento de Ciencias de La Comunicación, Universidad Nacional de Rosario, 2010, p.2-15. Disponível em: <<http://rephip.unr.edu.ar/bitstream/handle/2133/1500/mediatización,%20sociedad%20y%20sentido.pdf?sequence=1#page=3>>. Acesso em 11 out 2020.

LUHMANN, Niklas. **Sistemas Sociais: esboço de uma teoria geral**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

RABELO, León. Assange, Snowden, Greenwald. In: BRAGA, José Luiz et al. **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. EDUEPB, 2017.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Revista Matrizes**. São Paulo, n. 1, v.8, p. 13-19, 2014.

WESCHENFELDER, Aline. **Manifestações da midiatização - transformação dos atores sociais em produção e recepção: o caso Camila Coelho**. 2019. 239 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2019.